

CEARA'

BRAZIL



O FIGARINO

Revista Humorística e Ilustrada

ANNO 1

Fortaleza, Domingo 6 de Outubro de 1895

NUM. 23



Corpo de delicto de um burro em Mecejana

O FIGARINO

Fortaleza, 6 de Outubro de 95.



CORPO DE DELICTO

N'um burro.

O leitor desculpe-me.

Ha de parecer-lhe extravagante, mas o caso é do seculo das Luzes, Mecejana, a gloriosa Paupina, foi victima de um caso de «bestoclycia».

Acabam de fazer o corpo de delicto n'um «burro»,!!

A questão está intrincada.

Chamaram ao nosso sympathico Raymundo Peixoto para advogado.

Tudo se fez.

Consta que o burro morreu de «manipoeira» ou qualquer coisa com isto parecida.

E' a nossa gravura.

Brevemente publicamos o processo e o depoimento das testemunhas, assim como o resultado por escripto, da tal vistoria.

REVISTA THEATRAL

OS REVOLTOSOS E AS DUAS ORPHÃS.

Estamos orgulhosos com a nossa estação-lyrico-dramatica.

Palmas sobre a «troupe» Silva e Vasconcellos.

A revista «Os revoltosos» é uma peça ruidosa, esplendida, de uma pandega puramente nacional, critica finissima cheia de notas zombeteiras, favoravel a «claque» e de um brazilismo que nos escangalha as ilhar-gas, n'uma verdadeira fabrica de gargalhadas!

Coritiba, esteve alli no palco cearense, com toda algaravia de estrangeiros e bandos federalistas, nas bebedeiras e comicas organizações governamentais.

Todos artistas desempenharam bem seus papeis.

O Sr. Silva esteve tão faceto que nem parecia aquelle «secretario-cebolotico» do gallego ministro Vasconcellos esteve enorme e o Dr. Gloria com seus discursos pandegos parecia muito com nossos typos cearenses!

Nosso povo não comprehende bem o que é uma revista; mas conhece-mol o LÓs e isto basta.

Carolia, com seu desdem «raides» e seus «degagén» do mulatinha «chica» e alambicada, toda dengosa e ufana do papel de «minstra», desmanchou toda zona da burguezia, arrastando ate frades no galhardo tango da maxixada.

Bravos de maxixada!

Ora muito bem!

Carolia e a copia fiel da mulatinha bahiana e paulistana, com seus dictos apimentados, requiebro gentis e faces encantadoras, mesmo porque Luiza Leonardo e a «boba» querida da platea brasileira, garganta divina, superior, a Malibran, no «Trovador» e a Ristori no papel de Vestal.

Por toda parte que aquella estrella passar, vai deixando um rasto de luz, sobre o firmamento dos palcos, a par de um chão juncado de flores, onde pousará aquella borboleta de ouro, a perseguição de milhões de adoradores!

As «Duas orphas», foi muito bem exibido; mas esperavamos a «reprise» da operetta, pois o nosso tempo e da galhofa, e de uma diversão viciada e louca que sirva para matar a vida chata e grosseira da realidade.

Mas a «troupe» teve o segredo de attrahir-nos; portanto nossas flores sobre os distinctos artistas.

LA GLACÉELEGANT

A MENINA DO VALLE DE ROSAS

PRIMEIRA PARTE

O caminho do crime

O outro dia era domingo.

Jabloskooff só vicia buscar Rosalina, a noite, para o theatro. Dava-lhe toda liberdade e ella mesmo impunha-a como uma das suas bases de força moral.

Guinard; gostava pouco de apresentar-se, mormente quando a casa estava cheia de visitas, mas a sua assiduidade tornava isso impossivel; por conseguinte o nosso heroe entristecia, mesmo nas horas em que satisfazia seus desejos impellidos por uma força occulta e terrivel.

Rosalina, inclinava-se para elle e esta paixoneta irritava o conde mesmo seguro pelas duas promessas.

Nesta manhã Guinard, foi encontral a no «boudoir», uma joia riquis-

sima, um deslumbramento de crystaes, teteas e «bibelots».

Estava pallida, n'um desalinho adoravel.

Soltou um gritinho:

— Ah! es-tu?

Como ves?

Franquesa, franquesa, sempre vens a proposito.

Talvez não podesse dizer-te tanta coisa em outro lugar. Então sabes? O conde está muito ciumento. Veio com asneiras. Ora como sabes, eu aborreço os homens...

E d'ahi?

Responde-lhe mal, mas não zangou-se. O geito que elle tem é ser «tansinho».

Tambem tu és facil de mais. Para que trouxeste-me ramilhetes tão caros dando-os á porteira.

— E vio os?

Eis aqui tudo! Asneiras, sabe?

E tirando uma rosa do «bidè», exclamou

Oh! como gosto de flores.

Guinard fazia-se conselheiro e naquella casa não sabia que posição tomasse.

Carine, entrou para dizer-lhes que o jantar estava prompto e já as senhoras Zuny e as Chalambot tinham vindo.

Rosalina vestiu-se as pressas, dando ordens a creada mesmo defronte do espelho.

No salão ouviam-se os roncões do violoncello e uma flauta animava a «ouverture».

Os amadores, os antigos camaradas do theatro, vinham passar a tarde com a menina do valle de rosas.

Os creados passavam rapidamente. Ouviam-se tiidos na copa e risadinhas de mulheres.

Carine veio novamente annunciar a chegada dos senhores Aleixo Reveil e Renato Noyal.

Guinard, estava cahido. Rosalina corava como uma donzella. Achava singular aquillo. Nunca tinha sentido taes impulsos de coração.

Quando o nosso heroe perguntou, porque chamavam-na a do Valle de rosas, ella disse-lhe:

Eu tenho uma casita que comprei quando estava no theatro. E' no campo. Um dia vou lá contigo. E' em Auteuil, alem do bosque de Bolonha. Alli dir-te-hei todas estas couzas.

Agora vamos ver a sala.

Rosalina empurrou-o para uma ante-salla d'onde distinguia-se os visitantes.

Não conheceu ninguém.

O conde não estava.

(Continua)



VAMOS?

I

Vamos brincar pelo campo
Pezando ervas e flores,
Gozar de nossos amores
Nosso sublime ideal.
Vamos correr de mãos dadas,
Roxinóas das alvoradas,
Cantando no coqueiral.

Busquemos as eminências,
Onde o sol mais perto aquece
Onde o rubor esmaece
Em seu rosto encantador
E o mar despeja na praia
Na vaga cor de cambraia
O barco do pescador.

II

Uma vez... ai... tu dormias
Tão loira em neves de linho
Parecia um passarinho
Sobre um cacifo de sol,
Sonhavas... e teu regaço
Era molhado de pranto,
Cantavas... cantavas tanto
Como canta um roxinol.

Amei-te... e ainda sinto
Déstes lábios a doçura,
A inexplicável ventura
Do nosso passado em flor.
Dispertaste... e a teu lado
Tinhas-me todo vergado
Cahido e louco de amor.

LAPIS TRAVÉSSO

DISCURSO PROFERIDO PELO DR.
BACURINHO, NA INAUGURA-
ÇÃO DO TORCEDOR DO MANE'
GARAPEIRO.

SENHORES.

Estamos em pleno mar!

Mas é um mar, onde o cangulo
vale dous cruzados e os mercadores
são umas baleias que nos querem
devorar!

Estamos n'um mar terroso, cujas
vagas botam tripas, pás, tapiócas,
bananas, gallinhas, redes, italianos

e turcos que vendem bug-angas.

Estamos nos cahos!

Eis que surgiu agora este prelo de
canna, cuja garapa constitue esta
autonomia que se chama luz!

Quando ouvires o foguete, o som
do aríbú malandro o sino da inten-
dencia; já sabes! É o progresso do
Grã-moleque onde tive um thea-
tro S. Luiz.

Senhores! A garapa é a luz e a
pilula é o progresso!

Canôas, o grande maestro italiano,
dizia para Verdi, o grande poeta
portuguez: se houvesse garapice na
Europa, a Italia não daria mascates!

Desde Pláto e Aristoteles que ju-
piter ensinou a Spenser a philosophia
da garapocencia!

O inconsciente de Hartmann, parou
diante do ideal do Bem-bem e as
gotas dentalgicas e agua ingli-z.
de Carlos Miranda, foram a guerra
nos annos garapicidos da historia!

Galileo, disse: O movimento da
terra é devido a caxassa; mas na de-
vir a garapa como o aperfeiçoamento.

Não vos ateis para o lado da
bandeira encarnada do consulado de
costura Davis!

A garapa é o emulo do pectoral de
cambraia e da emulsão de Scott.

Si fôrdes para o queima do Guarany
sahireis queimados!

«Mala parta-mala d labuntur!

Tenh' dicto!



Noticiarete.

VISITA IMPORTANTE

Um dia de ses tivemos a subida
hora e o inefavel prazer, de sermos
visitados, por um grupo de senhoras
nosssa melhor sociedade que veio ter
a nossa modesta tenda de trabalho,
com alguns cavalheiros de nosso Es-
tado, Pernambuco e Rio de Janeiro.

Vinham de uma excursão campesi-
tre, flores e fructas nas mãos, en-
chendo toda casa de chamamentos,
risos, perfumes d'agua de «toilette» e
uma alegria verdadeiramente ex-
pontanea.

As senhoras examinaram as gra-
vuras do nosso xilographo, rindo
muito da «verve» do nosso inimita-
vel Blak, em quanto um dos jovens
c'mpañheiros aproveitou occasião
para dar algumas sortes de prestidi-
gitação que muito agradou a reunião.

Pouco depois o nosso chefe, usan-
do de sua proverbial delicadeza e fino
tracto que o distingue como cidadão
correcto, offereceu uma taça de
champanha, cujo primeiro «toast»
foi erguido pelo futuro do «O Figa-
rino» o que expantou muito toda po-
voação, pois a nossa folha era e é
lida por muita gente como um des-
ses jornalecos que mercadejam na
moros por meio de «book-makers» de
infima especie.

Imbuí-se á dizer que muito nos
penhora esta prova de estima do
publico cearense.



DIFFERENTES

Hoje temos o prazer de acusar o
recebimento da offerta dos «Difere-
tes», contos de Quintino Cunha,
nosso estimavel camarada de letras.

Impresso nas officinas dos Sr. Cu-
nha Barro, é um f'laete de sessenta
e tantas paginas com umas notas a
margem do sympathico pensador Dr.
Farias Brito.

Traz a capa preta, o que parece
significar o fructo de um trabalho
de um escriptor novo e obscuro.

Entetanto não é assim.

O jovem contista, é bastante conhe-
cido na imprensa e tambem mavioso
poeta cujo talento, deixa ver no
«seculo das luzes», poesia que ter-
mina seu livrinho.

Esta obra, que para ler-se de um
folego, e si lá não tivesse seu nome
bastava aquella conto «Historia de
um passeio», para se ver que tudo
aquillo é «Quintino puro»!

Agadecemos-lhe a offerta.



Emquanto no Congresso case o projecto, o bicho iacuallesional, o dr. Prudente mola se para S Paulo, ainda com muito tempo.